



Os principes herdeiros da Suecia, onde se estão passando acontecimentos politicos de alta importancia em volta da familia real.—(Cliché Chusseau-Flaviens).

II Série—N.º 421

## Ilustração Portuguesa

Lisboa, 16 de Março de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redacção, administração, off. de composição e impressão  
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1520 cent. Semestre..... 2840 cent.  
Ano..... 4880 cent. Numero avulso. 10 cent.



Comprem os Bordados **Schweizer**

franco de porte a domicilio

**Vestidos Blusas**  
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

**Vestidos para Crianças**  
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suíço sobre cambráia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçm, a nossa collecção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

**Schweizer & Co. Lucerne, Suissa**



**POUDRE GERMANDRÉE**

Secret de Beauté

Pour embellir, soigner le peau adhérentes à l'hygiène et à la discrète Parfums idéal

MIGNOT-BOUCHER Parfums et Cosmétiques PARIS



**FRIO da BELLEZA**

PÓS para embelezar a cutis.

PÓS em folhas adherentes em forma pratica

**CREME** para preservar e suavizar a pelle

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS ELEGANTES DE PORTUGAL

**MIGNOT-BOUCHER**  
99 Rue Vivienne Paris

**Gold-Crème Albert Simon**

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pe'e. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, paço, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis Para fóra acrescém os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup> 84, Rua dos Fanqueiros 1.<sup>o</sup> LISBOA**



**MAUS SYMPTOMAS**

Se digeris mal, se sentis caimbas ou pesadez de estomago, não tomeis drogas inúteis e sujeitae-vos simplesmente ao regimen do

**PHOSCAO**

(Antigamente Phospho-Cacao)

No espaço de alguns dias todos esses incomodos terão desaparecido por completo. Alimento ideal dos anemicos, dos convalescentes, dos velhos.

**REMESSA GRATUITA**

De uma caixa para experiencia

Deposito: **FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hespanha)**  
Mercenarias, Pharmacias e Drograrias



**O passado, o presente e o futuro**

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

**Madame BROUILLARD**

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, alemão, inglez, italiano e hespanol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja).—LISBOA. Consultas a 18000 rs., 25000 e 55000.



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

16-3-1914

N.º 421

## Um estadista

Acaba de extinguir-se, em José Luciano de Castro, um dos maiores vultos do constitucionalismo português. Ha muito tempo que o herdeiro de Loulé e de Braamcamp era uma sombra apenas. Desde 5 de outubro que a sua figura nobre e antiga, pertencia ao passado e á historia. Sucumbiu a uma polynevrite e a oitenta anos. Estadista,



— teve como ninguém o segredo de governar e de atrair homens. Orador, — a sua eloquencia era, na frase feliz de Hanotaux, «uma convicção em marcha». Jurisconsulto, — a sua voz foi a voz clara d'um mestre. Esteio formidavel da Monarquia, — a Republica acaba de descobrir-se respeitosa-mente perante o seu cadaver. Os seus maiores inimigos foram os seus mais convictos admiradores. José Luciano podia ter dito da politica o que La Bruyère disse da corte: «*Elle ne rend pas heureux, mais elle empêche qu'on ne le soit ailleurs*».

Quem não as tem visto, pobres tres palmos de gente, descalças, roxas de frio, alongando para nós uns olhitos humidos de ternura, — crianças com o sorriso de velhos e a resignação de animais de carga? Este vende jornais, — e tem tres anos. Aquela tem cinco, — e lá vai, na poeira d'oiro do sol, os pés magrinhos, a giga á cabeça, chorando em vez de apregoar. Aquele ainda, n'uma idade em que os outros andam ao colo, é marçano, trabalha dia e noite, trazem-no aos pontapés...

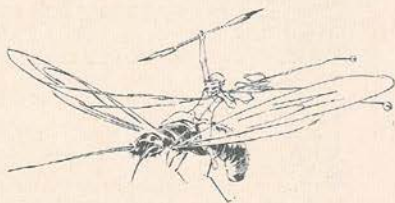
## Crianças que trabalham

Pois bem: um gesto humano de amparo acaba de se erguer sobre estas crianças. Vozes generosas surgem, evangelizando a proteção aos menores que trabalham. Abrem-se labios pequenos e n'um sorriso luminoso de esperança. — E' bem certo que só se é verdadeiramente feliz quando se pensa na felicidade dos outros.



## Exposições de caricaturas

Na caricatura portugueza tem anarecido ultimamente humoristas de verdadeiro talento. E' talvez esta a manifestação d'arte mais expontanea, mais abundante, mais viva e mais caracteristica d'este momento e d'esta geração. A mocidade que surgiu no ultimo periodo de demolição e de agitação politica, trouxe para a caricatura uma audacia irreverente, uma extravagancia impetuosa, um movimento convulso de renovação de processos



que me parece interessante seguir e estudar. Quando esta geração, onde ha fortes temperamentos de artista, se libertar por completo da influencia dos mestres humoristas alemães, belgas e francezes e colher exclusivamente os seus motivos na observação direta e flagrante dos tipos e da vida nacional, — a caricatura moderna, cheia de movimento e de expressão, marcará entre nós uma idade d'oiro.

## A mascara de um ator

O professor dr. Azevedo Neves, da Faculdade de Medicina de Lisboa, um dos mais nobres, mais elevados e mais cultos espiritos que conheço, acaba de publicar um livro admiravel: *A Mascara de um Ator*. Obra de duplo interesse, para a arte histrionica e para a ciencia medica, n'ela se estudam, atravez da mascara soberba de Augusto Rosa, a estática e a dinamica fisionomica de cada creação do artista e, em geral, as equivalencias e as syntheses mimicas de todas as emoções e de todos os sentimentos. E' um livro que honra a literatura e a ciencia moderna. «*Il n'y aura jamais de civilisation là où la comédie n'est pas possible*», — disse George Meredith. O culto do teatro acompaña sempre os grandes movimentos de renovação.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Hypolite Collomb).

# D. JOÃO E A MARQUEZA



COSTUMADO a render o ultimo escrupulo feminino com dois olhares fulminantes ou trez banaes palavras decisivas, D. João achou picante a resistencia que a linda Marqueza lhe manifestava naquele baile, onde ele sentia em todas as mulheres a ancia curiosa de desculparem com uma falta igual os pecados amorosos que de muitas outras se contavam a proposito do famoso burlador selvilano, para quem os pomares mais vedados eram como baldios sem dono nem guarda.

Esquivamente flexuosa e apeticivelmente altiva, so a Marqueza parecia rebelde á tirania que o nome temido e acariciado de D. João exercia, desde a dama mais nobre á mais humilde rustica d'essa cidade fastosa, onde provisoriamente ele assentara o voluptuoso arraial das suas vitorias numeras.

Por isso, o inexplicavel desde da Marqueza, que, tendo aos dezasete anos posto sobre o rosto o véu de noiva, mal andados treze mezes se cobrira com o luto da viuvez, espicava a tal ponto o garboso heroe das lubricas derrotas, que, se de tal a completa ausencia do coração o não perservasse, D. João, capitulando vergonhosamente, se haveria deveras apaixonado por ela, como um qualquer vulgar mortal talhado para marido.

— Finalmente descobri uma que não quer saber de ti! — dissera a D. João um seu confidente inseparavel.

— Não quer saber de mim? Vaes muito longe... Por emquanto contenta-se com que eu saiba onde está, é diferente!

— Sempre com as tuas subtilidades de galá; mas o certo é que se te mostra indifferente.

— Indifferente, que utopia! Aí está uma coisa que eu heide morrer sem conhecer nas mulheres. A indifferença não foge nem volta as costas. Compreendes que uma mulher que desvia de nós os olhos pretende apenas ver se mudamos de sitio para a olhar. As indifferentes, se é que as ha, de-

vem mirar-nos de frente, sem susto, tranquillamente, como a uma coisa que não cubicam.

— Se não é indifferença o que a Marqueza sente por ti, eu não me chame D. Diogo.

— Pois se dentro de trez dias a Marqueza não delirar de amor em meus braços, deixarei de ser D. João!

- Propões-me uma aposta?
- Aceitei simplesmente o teu desafio.
- Trez dias, disseste?
- Dois, se preferires. Talvez baste um só.
- Para a conquistares?
- Para a sentir minha.
- Supreende-la-has no palacio?
- Se fôr necessario. Mas é possivel que seja ela quem venha ter comigo...
- E para tanto, um só dia!...
- Algumas horas, quem sabe? O amor gosta de voar.

Nesta altura a Marqueza passava ao fundo da sala em direção a uma das janelas, e D. João não tardou em se lhe aproximar.

— Para que olha o luar, se a claridade dos seus olhos o envergonha?

— Já vejo que nem aqui a sua insolencia me deixa em paz!

— E pode acaso pensar em paz quem, desde que a viu, não conhece o repouso?

— Podia ao menos conhecer o respeito.

— Não o conheço, é verdade, mas quero fingir conhecê-lo! Não a comprometerei por muito tempo. Vim apenas para a avisar de que esta noite terei o prazer de escalar o muro do jardim do seu palacio.

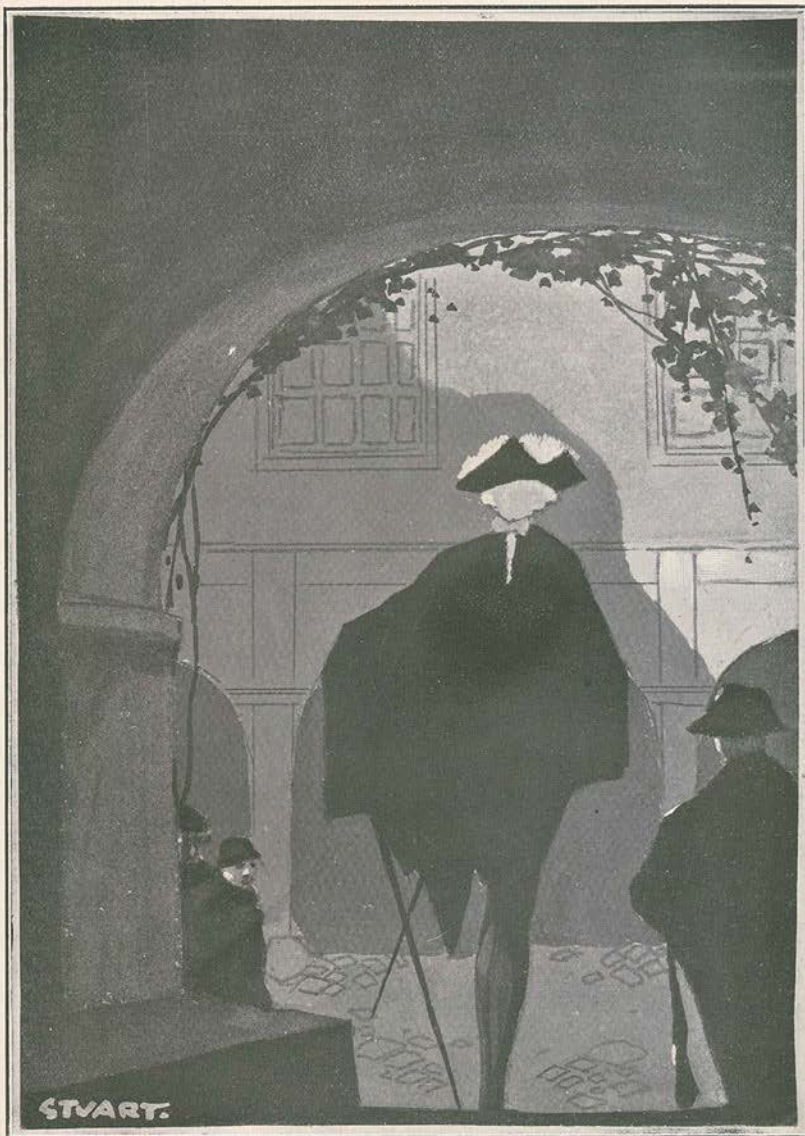
— Previno-o de que, alem dos meus mastins, encontrarão prontos a castigar o os meus lacaios.

— Preza pouco a vida dos seus servos e dos seus cães.

— Não tenho que lhe prestar contas.

— O aviso fica feito. Pela madrugada irei respirar o perfume das suas roseiras, que





são as mais belas da cidade, segundo ha pouco me garantiu, com raiva, alguém que arde em ciúmes por sua causa.

— Creio não ter dado motivos a que tenham ciúmes de mim.

— Dei-os eu. Infelizmente, é quanto basta para atormentar um pequeno coração de mulher.

— Não lhe pedi confidencias.

— Tem razão, perdõe! Havia-me esquecido de lhe dizer que morro d'amor por si.

Pela madrugada, conforme o prometera, D. João, acompanhado pelo seu fiel escudeiro, dirigia-se para o palacio da Marqueza, quando, ao avisi-

nharem-se do muro do jardim, um embugado lhes saiu ao caminho, brandindo um ferro. Com uma estocada certaera despachou-o D. João para o cemiterio; como mais alguns creados da Marqueza acudissem, aggressivos, em auxilio do companheiro, D. João, apontando o que tombara, fez-lhes notar qual a sorte infausta que os esperava, se pretendessem imita-lo. Muito melhor lhes resultaria passarem-se para o seu lado. Poupar-lhes-hiam d'esse modo o trabalho de lhes tirar a vida, e, ainda por cima, receberiam condigna recompensa no caso de quererem fazer o que lhes ia ensinar.



Ouvindo falar em dinheiro, logo os homens, recolhendo as laminas, concordaram em escutar a proposta. Combinou então com eles D. João que voltariam sem demora para o palacio e que, quando sua ama os inquirisse sobre o sucedido, lhe responderiam que o haviam maltratado tão barbaramente que poucas probabilidades havia de D. João sobreviver aos golpes recebidos. Para corroborar a falsa narrativa, levariam o chapéu, a capa e uma espada partida que, premeditadamente, mandara o seu escudeiro trazer de sobreceleste.

Assim se fez, e a Marqueza que, cheia de apreensiva anciedade, se não deitara, ficou aterrada com os funestos efeitos da sua resolução. Que iriam dizer d'ela em toda a cidade, quando se soubesse que fôra a causa da morte d'esse esbeto e atrevido D. João, cujo nome tornava mais vermelho os labios das mulheres? E tudo porquê, afinal? Unicamente por ele a achar mais formosa que todas as outras!...

Doida de susto, desesperada comsigo mesma, não cuidava agora a Marqueza senão em obter novas do ferido. Para isso, logo que a manhã clareou, enviou um creado a casa do D. João para se informar do seu estado. Peitado por este, o creado voltou com alarmadoras noticias, comunicando á Marqueza que D. João lhe mandara pedir algum linho para cobrir as suas horrorosas feridas e um lençol onde exalasse o ultimo suspiro.

Cada vez mais assustada, mandou a Marqueza outro creado com grande provisào de fios e ataduras, a que juntou dois lençoes de finissimas rendas, bem como algumas iguarias preparadas a capricho e va-

rias garrafas dos melhores vinhos da sua adega.

Seriam nove horas da manhã quando este segundo emissario partiu do palacio, para d'aí a uma hora tornar com os agradecimentos de D. João, que, cativo da sua bondade generosa, e sentindo proxima a hora da agonía, se atrevia a rogar ainda á linda bemeifeitora a esmola de uma rosa do seu jardim para a beijar na despedida.

A Marqueza estava tão comovida, que nem reparou na cara impertinente do creado ao transmitir-lhe esse recado, que rendera uma reluzente moeda d'ouro. A supplica de D. João, apetedendo uma das suas rosas, enternecera-a de tal maneira, que julgou mais galante mandar-lhe um grande ramo d'elas pela sua creada de quarto, que não por um lacaio.

A creada da Marqueza era bonita. Nada custou a D. João a industria-la amorosamente nos segredos da intriga, se bem nisso gastasse mais tempo do que no rapido suborno dos creados.

Contando com impaciencia os muitos minutos que a creada tardava, a Marqueza atormentava-se com a perspectiva das suas rosas já terem chegado tarde para que D. João ainda aspirasse os beijos ternos com que as orvalhara.

Eram onze horas quando, opressa e afogueada, a creada voltou, declarando á ama que D. João já não ouvira certamente as trindades d'esse dia.

Não pode então a Marqueza conter-se por mais tempo. Mandou preparar a cadeirinha, poz o seu mais rico vestido, constellou de joias o colo nu, e, entre novas rosas colhidas de fresco, foi, com um secreto presentimento esperançoso, levar a D. João todo o seu desejo arrependimento. Ao meio-dia D. João havia ganho a aposta.

MANUEL DE  
SOUZA  
PINTO.



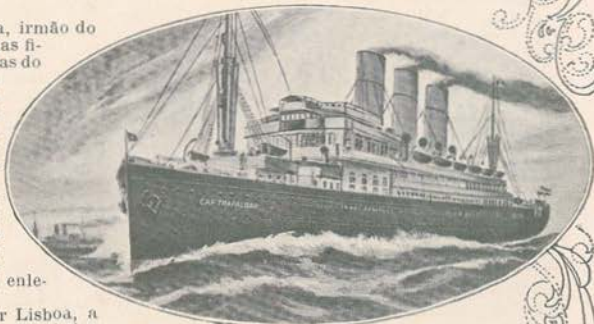
## O príncipe Henrique da Prússia de passagem por Lisboa



O príncipe Henrique da Prússia e sua esposa a princesa Irene de Hesse que vieram a Lisboa a bordo do *Cap Trafalgar*, ao fundo seus filhos os príncipes Waldemar e Guilherme—(Reprodução d'uma fotografia gentilmente cedida pelo sr. Hans Wimer, ilustre vice-consul da Austria-Hungria em Lisboa.

O príncipe Henrique da Prússia, irmão do imperador da Alemanha, é uma das figuras mais simpáticas e prestigiosas do império germanico. Almirante em chefe e inspetor geral da marinha alemã, a sua ação e o seu nome tem-se tornado sobre tudo notáveis no desenvolvimento do automobilismo e da aviação aplicadas ao serviço do exercito no seu paiz. Casado com a princesa Irene de Hesse, irmã do atual Grão Duque reinante, o príncipe Henrique tem dois filhos, o príncipe Waldemar, de 25 anos, e o príncipe Segismundo de 18 anos, que constituem o enlevo de seus paes.

Passando com sua esposa por Lisboa, a bordo do «Cap Trafalgar», um dos mais belos vapores do mundo, em direção a Buenos Aires, a «Ilustração Portuguesa» consagra a sua Alteza esta pagina de respeitosa homenagem.



O «Cap Trafalgar»

# TEATROS



Augusto Rosa

## TEATRO DA REPUBLICA "Samsão"

A peça que se representou na festa de Augusto Rosa é em demasia conhecida do nosso publico. Foi o *Samsão*, esse trecho de encanto, brutal e doce ao mesmo tempo, como a figura do protagonista ligado pelo amor convulsivo e louco a uma mulher.

Encantadora pelas suas situações, curiosa pelo seu entreccho, admiravel trabalho d'arte, essa peça atrae sempre os espectadores desde que quem a interpreta tenha a envergadura do grande ator que em Portugal creou a sua principal figura.

Era a festa do artista e o publico acorreu a festejar aquele cujos trabalhos tem sido sempre applaudidos e tem conscienciosamente incarnado não só as figuras do teatro nacional, mas as maiores do teatro estrangeiro. Grande ator, tendo uma das mais brilhantes carreiras na historia da arte nacional não podia o publico que o admira, deixar de o ir festejar.

Encheu-se a casa e mais uma noite de gala se passou no Republica.

Os interpretes d'essa peça magnífica, que parece feita de proposito para mostrar todas as modalidades de talento d'um artista, foram os mesmos que ha quatro anos n'aquela mesma sala a representaram, á excepção d'Italia Fausta, que os espectadores applaudiram na sua interpretação correctissima. Já quasi que nem se conhece o sotaque da sua voz de italiana que, primeiro no Bra-



A atriz Judice da Costa e o ator Gomes na *Dama Roxa*





Côro das formigas da revista «Isto vai bem...» de Luiz Portugal e Balate Quadrio — («Cilchês» Benoliet)

zila e agora em Portugal soube marcar largamente o seu caminho na cena com amor e cuidado.

**TEATRO DA TRINDADE**  
**“A dama rôxa”**

**P**rez-se a réprise da *Dama Roxa*, a linda opereta que tanto tem agradado sempre.

Da primeira vez que a opereta se cantou em Portugal foi necessário fazer alguns cortes na musica, o que não sucedeu agora, tendo a distinta cantora Judice da Costa feito o seu papel de forma a agradar extraordinariamente.

Não foram apenas os seus dotes de cantora eximia ha muito apreciados que mais uma vez mostrou, mas também qualidades evidentes d'atriz dia a dia mais acentuadas.

**Teatro ROCIO PALACE**  
**“Isto vai bem”**

**R**EPRESENTOU-SE neste teatro a revista de Balate Quadrio e Luiz Portugal, intitulada *Isto vai bem*. A revista merece as atenções do publico pela forma como está posta em cena e pela graça que de quando em quando soltita nas suas cenas, assim como pela musica em que ha trechos encantadores onde o maestro Hugo Vidal poz todo o seu cuidado.

O desempenho foi muito aceitavel para as forças da companhia.

P. F.

O habitual autor d'esta secção, sr. dr. Augusto de Castro, não a poude tratar em virtude da morte de seu tio o sr. conselheiro José Luciano de Castro.



Final do 2.º ato da revista «Isto vai bem...» de Luiz Portugal e Balate Quadrio, musica de Hugo Vidal.

# ○ EGOÍSMO • DE • DEVS ○



Pedi a Deus que me desse  
Azas como ás aves deu;  
Mas azas com que eu pudesse  
Da terra voar ao céu.

Do Empireo ás portas queria,  
Com essas azas de lei,  
Ir passar, a ver se via  
Uns anjos que muito amei.

Só n'estes justos anelos  
Punha o meu tão santo fim:  
Fartos meus olhos de vê-los,  
Eu tornava a donde vim.

Porém Deus, voltando a face,  
O dolo em mim suspeitou.  
E, temendo lh'os roubasse,  
Pois sempre amor tudo ousou,

Não acolhe a minha prece  
E logo me respondeu,  
Que, se aos pais Ele azas desse,  
Não teria anjos no ceu.

EMÍDIO GOMES DOS REIS.

(Extraído do livro *Sombra de Flores*),

# Os reis d'Albania



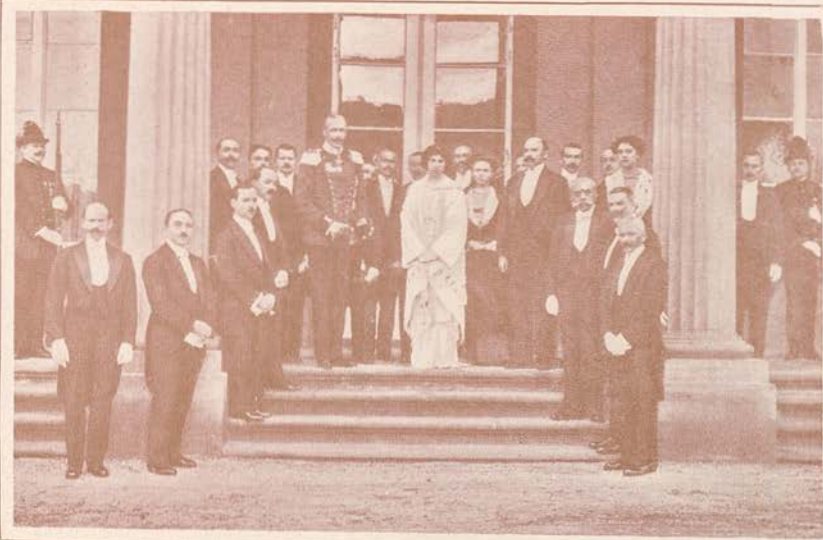
O principe de Wied recebeu a delegação albaneza á frente da qual ia Essad Pachá, que lhe ofereceu o trono d'Albania que as potencias de resto já lhe tinham dado.

O novo soberano instalou-se em Durazzo com sua esposa

e vae ter o trabalho mais intenso que é possível imaginar-se, a tarefa d'um superhomem, porque na Albania está tudo por fazer.

E' esse, porém, o papel de todos os fundadores de dinastias.

1. A princeza de Wied, rainha d'Albania. — 2. O rei Guilherme I d'Albania. — 3. As armas do novo reino d'Albania.



A delegação albaneza que foi encarregada de oferecer o trono ao principe de Wied: Os delegados no castelo do novo rei estando no meio com os principes e poderoso general Essad Pachá.

## O "Foot-ball" no Porto

Com numerosa e escolhida assistencia, realizou-se n'um dos ultimos domingos, no Porto, um grande desafio de *foot-ball* entre o «Foot-ball Club do Porto» e o «Boavista Foot-ball Club». Este *match* despertou grande interesse, porque



Uma defeza do goal



Os jogadores do «Foot Club» do Porto.

d'ele dependia o resultado final do campeonato de 1.<sup>a</sup> categoria promovido pela Associação de Foot-ball do Porto. Os dois *teams* que tomaram parte no jogo eram assim compostos:

«Boavista», Wright, Cardoso, S. Valente, Pye, Nunes, H. Valente,



Grupo de jogadores do «Boavista Club»

Fernandes, Germano, Reid, Alvellos, Bastos.

«Porto», Jansen, Harrisson, Vitorino, Maças, Alwood, Magalhães, Lemos, Legg, Encarnação, Megre, Camilo.

As forças dos dois *teams* eram bastante eguaes, dividindo-se as probabilidades durante algum tempo e terminando a primeira parte sem *goal* algum no ativo dos dois grupos.

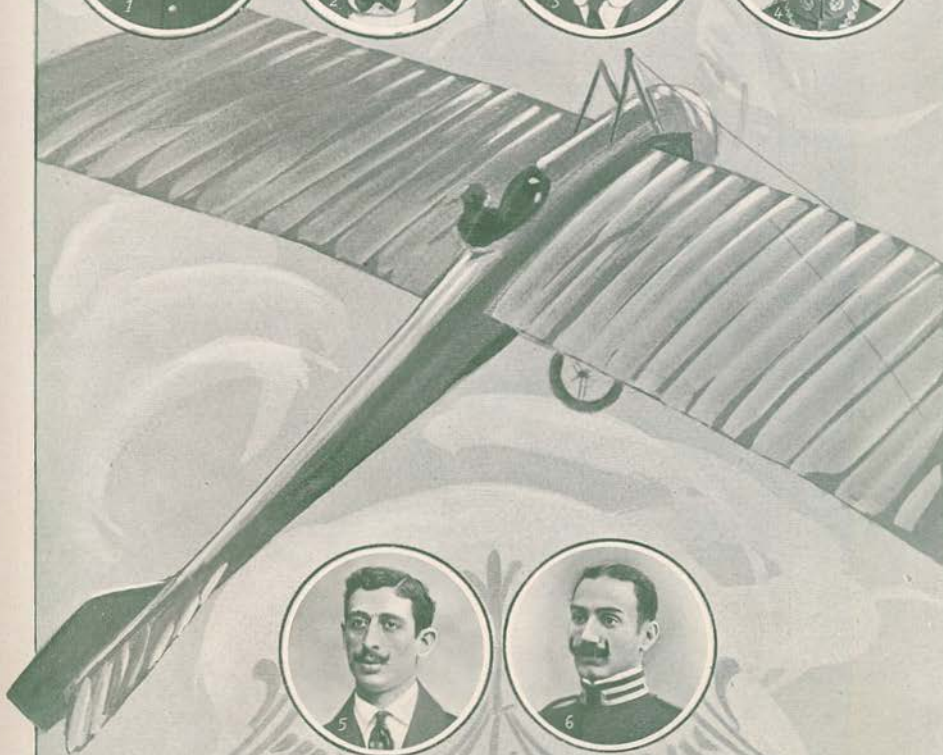
A segunda parte foi renhidamente disputada, acabando o desafio com empate de um *goal* a um. Do «Boavista», distinguiram-se no jogo Wright, Cardoso, Nunes, Pye e Reid. Do «Foot-ball Club» do Porto, Jansen, Harrisson, Maças, Alwood e Legg.



Um aspecto pittoresco da assistencia

(«Clichês» Alvaro Martins)

# Aviação em Portugal



A direção do Centro Nacional de Aviação que acaba de se fundar em Lisboa e o qual conta já valiosos elementos de auxilio e possui um esplendido parque aerodromico.

1. Major David Gomes Almeida, presidente da Assembléa Geral.— 2. Sr. Ismael Freire Mergulhão, presidente da direção.— 3. Sr. Francisco Trancoso, tenente d'armada e presidente da comissão técnica.— 4. Capitão sr. José Maria da Cruz Ferreira, vice-presidente da direção.— 5. Sr. José Augusto Martins Faria, vice-presidente da comissão técnica.— 6. Tenente sr. Carlos Correla Paraiço, secretario geral.— 7. O aviador A. Salles, instructor da escola pratica de aviação.— 8. Major sr. Possidonio Angelino, 1.º suplente da Assembléa Geral.— 9. Medica sr.ª D. Adelalde Cabete, 1.ª secretaria geral da Assembléa Geral e encarregada dos serviços de saude.— 10 O guarda-marinha Miguel Homem, tesoureiro geral.

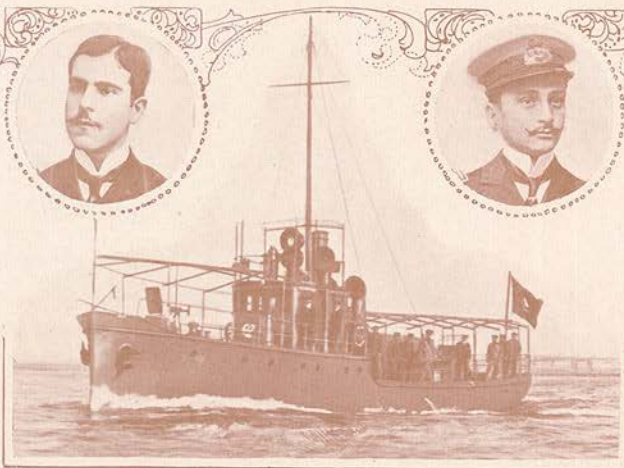
# FIGURAS E FACTOS



1. Dr. João Neves, falecido na Covilhã.—2. Sr. Constantino José de Palma, falecido em Lisboa.—3. D. Antonia da Rosa Correla, falecida em Niza.—4. D. Jacinta Gertrudes da Silva, falecida em Ferreira do Zezere.—5. Sr. Servio Augusto Medeiros Branco, falecido em Ceta.—6. Dr. Jaime d'Abreu, falecido em Viana do Castelo.

2.º tenente Manuel Carlos Leitão Meireles, comandante do *Lince*.

O *Lince* é um barco construído em Livorno e que a marinha portuguesa vae possuir. É uma canhoneira típica que anda normalmente doze milhas por hora e se destina á fiscalisação



Manuel da Cunha Rego Chaves, 2.º tenente, imediato do *Lince*.

da pesca no Algarve.

O comando do novo barco foi entregue a um distinguissimo official que tem como immediato outro não menos illustre e disciplinado.

O *Lince*, o novo navio que foi construído em Livorno.



A comissão delegada do registo civil e alguns socios d'essa agremiação que foram ao parlamento entregar uma representação favoravel á Lei da Separação das Igrejas que vae ser revista.—(«Clichés» de Benoitie)

O novo presidente eleito da Republica Brasileira é o sr. dr. Wenceslau Braz que brevemente embarcará para a Europa n'uma visita a diversos paizes pois, só em 15 de novembro, conforme ordena a Constituição, tomará conta do seu logar, assim como o sr. dr. Urbano dos Santos que foi nomeado vice-presidente da prospera republica.

O sr. dr. Wenceslau Braz, foi deputado federal e estadual, presidente do Estado de Minas e exercia agora o cargo de presidente do senado que



O novo presidente eleito da Republica do Brazil  
sr. dr. Wenceslau Braz.

é inerente á vice-presidencia da republica.

A sua obra como legislador e politico é muito vasta constituindo a sua eleição uma garantia de paz e de progresso para a nobre terra brasileira. O sr. Urbano dos Santos foi governador do Maranhão e é um illustre advogado.



Dr. Queiroz Veloso

O sr. dr. Queiroz Velozo cuja conferencia sobre Gil Vicente é um trabalho interessantissimo, já publicou varios livros que lhe deram fóros de literato primoroso como é um dos nossos mais illustres professores das escolas superiores.

Essa conferencia, agora publicada, merece pois as atenções do publico que se interessa por aquella figura dominante do teatro portuguez.

Um grupo d'escriptores moços iniciou em tempo uma obra de rejuvenescimento literario que intitulo Renascença. Esse grupo tem publicado varios trabalhos interessante dos seus associados entre os quaes está o sr. visconde de Vila Moura cujo ultimo livro *Contos e Novelas* não desmerece da suas obras anteriores *Nova Safo* e *Camilo*.



Visconde de Vila Moura  
autor do livro *Contos e Novelas*.

Monsenhor Francisco J. da Silva é um sacerdote dos mais distintos e populares da arquidiocese de Olinda (Brazil). Ocupa o cargo de vigario da importante freguezia de Santo Antonio do Recife, onde nasceu, e vive cercado da estima e consideração dos seus paroquianos. Junto dos suffraganeos e das vitimas das commoções civis, está sempre a prestar os socorros religiosos. Sua Santidade Pio x fel-o prelado domestico e gosa de particular estima do distinto e illustrado archbispo de Olinda, D. Luiz Raimundo da Silva Brito, de quem tem sido, em diversas occasiões, secretario.



Monsenhor Francisco  
Joaquim da Silva



Sr. A. R. de Sousa, autor do livro de versos  
*Raios de Luz*

nos seus *Raios de Luz*, está reservada uma brilhante carreira.

O sr. Adelino dos Reis e Sousa publicou um livro de versos *Raios de Luz*, que foi ha pouco publicado e no qual ha sonetos d'uma grande evocação tratando d'assuntos bem portuguezes.

Dentro em pouco o distinto poeta publicará um livro de prosa *Sorrisos Amargos*, contos que como o titulo indica serão paginas de tortura.

Enfileira pois entre os os novos mais este escriptor e poeta a quem, segundo deixa antever *Luz*, está reservada uma



A praça do mercado de Gaia inundada

## As inundações no Porto

Depois da memorável cheia de 1909, tão calamitosa para o Porto, ainda a corrente devastadora do Douro não havia atingido as proporções colossais de fevereiro do ano corrente. Felizmente, com o ímpeto e violência da primeira cheia, a barra ficou bastante desassoriada, e, subsequentemente, o engrossamento das águas não tem causado tantos estragos e prejuízos, porque a subida é mais lenta, dando tempo a tomarem-se precauções necessárias, e o escoamento muito mais rápido e fácil.

Foi a própria natureza a apiedar-se da incuria e desleixo dos homens, porque não se tomaram ainda medidas que protejam contra os assaltos constantes do Douro os habitantes ribeirinhos, nem ao menos algumas dragagens tentadas na foz do rio deram satisfatórios resultados.

Promete eternizar-se a questão do porto de Leixões, foi posta de



Um aspecto da inundaçáo do lado de Gaia.



Um guindaste meio submerso.  
(«Clíchê» do sr. Alvaro Martins)

parte a ideia de um porto comercial no rio Douro, e os homens a quem a discussão e solução de taes assuntos estão confiadas passam o tempo elaborando projetos, fazendo orçamentos e lançando as bases d'um grande emprestimo que ponha termo á ingloria contenda.

E' por isso que, todos os anos, quando a invernia chega e as aguas do Douro comecam a avolumar-se, a população do Porto sofre um rude sobresalto e atravessa horas e dias de uma expectativa dolorosa. Este ano essa anciedade justificou-se plenamente. O caes da Ribeira e as ruas fronteiriças de Gaia, subjacentes ao rio, foram invadidas pelas aguas, e de muitas casas houve que ser retirado á pressa o mobiliario e mercadorias que estavam em diferentes armazens e estabelecimentos.

Por felicidade, os dias de angustia passaram depressa e dias de esplendido sol substituiram em breve a tormenta da vespera.



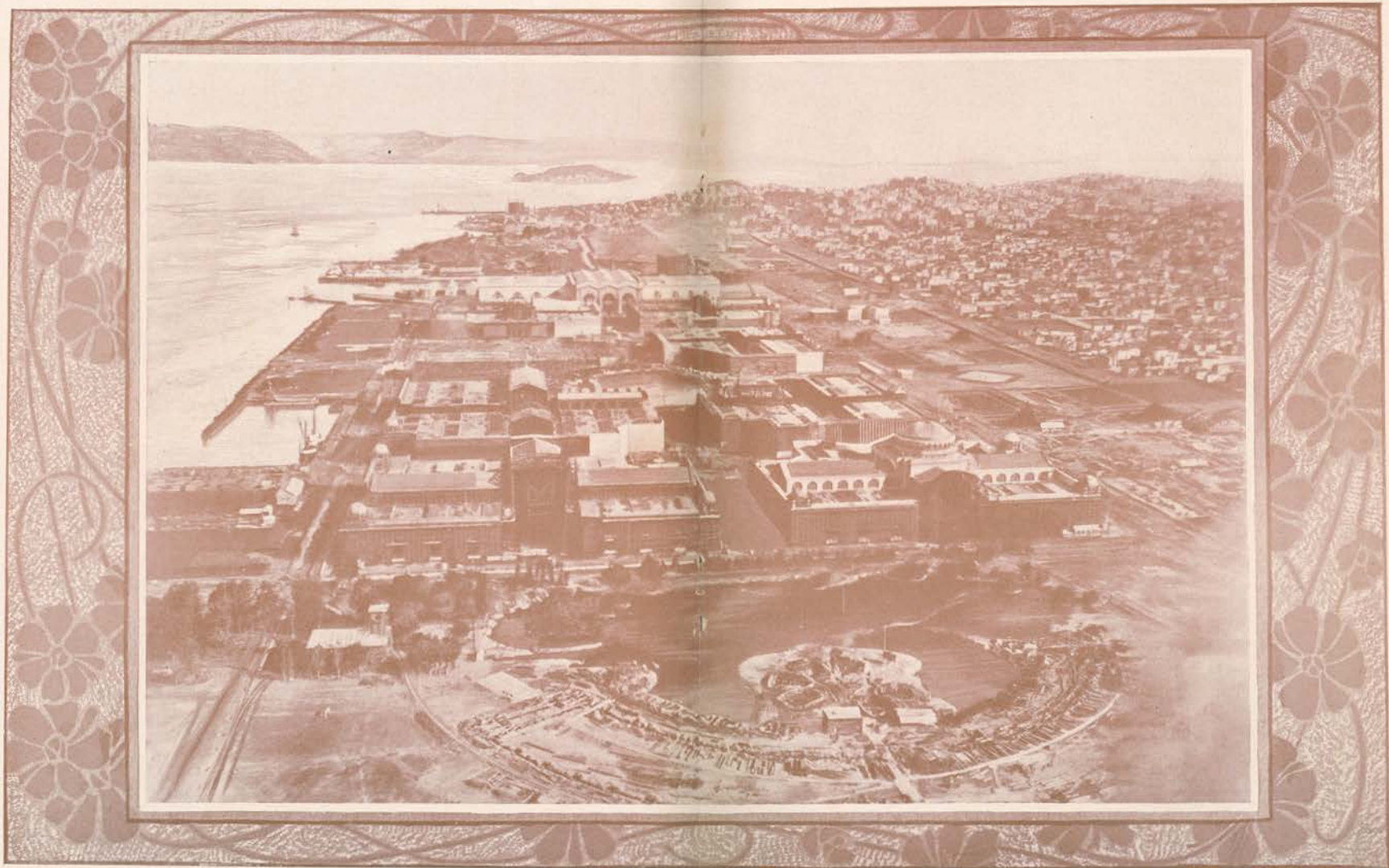


A cheia no rio Douro: O posto fiscal dos guindastes inundado



A água que alcançou a ponte do elevador

(«Clichés» Alvaro Martins)



Uma fotografia notavel das construções da exposição internacional do Panamá-Pacífico que deve ser inaugurada quando da abertura do canal de Panamá

# A saia através do Tempo



A saia egípcia

A saia tinha a mais fundamental das razões para variar com frequência. Era e é a mais indispensável das vestes femininas e Francisco I, em cuja época a saia tinha qualquer cousa de campanulada, disse:

*Souvent femme varie*

Nas cousas sentimentaes são assim; nos seus ornamentos do mesmo modo o são. Sem a mulher não existiria a moda. Estaríamos ainda no tempo em que os

corpos se cobriam com as peles dos animaes secas ao sol sem mais preparos.

Os homens embrulhavam-se n'elas por comodismo, cobriam-se, tiravam d'essa veste primitiva a sua utilidade; as mulheres sempre arranjavam, instintivamente é certo, a forma de as collocarem de maneira a fazer valer as suas graças. Nas tunicas romanas se vê o mesmo. A do homem é simples, a da mulher tem complicadas prégas. Umas andavam de camisa ou tunica larga, outras com varias das quaes a superior tinha um largo



A saia da romana

Incitava-se o tempo dos camafeus e das pedras finas gravadas e já havia ligas.

As saias do seculo XI, as vestes meravilhas começaram a mostrar-se com um vago arremedo de cauda. Usava-se tambem o manto e o véu.

D'ahi por diante a cauda nas saias começou a ser uma marca absoluta de distincção assim como a *gauzape*, vestido sem mangas debruado de ar-

minho e com os braços das familias bordados tendo a cauda tanto mais comprida quanto era maior a gerarquia das personagens.

No seculo seguinte a amplitude dos vestidos modifica-se n'esses exageros que a moda sempre traz e que fez n'esta epoca com que começassam a usar os vestidos cingido do corpo e com um nadinha de decote. A coqueterie mostrava-se. Já os cabelos se penteavam com arte e as joias se multiplicavam. O progresso nas modas foi rapidissimo porque a mulher o impulsinou. Por esta epoca bordavam-se nas saias aves, peixes, flores e até fru-



Uma nobre veneziana: A saia do seculo XII

cinto e era presa nos hombros por dois colchetes. Horacio chamou a essas tunicas amplas: *paliçadas*.

tos. Os tecidos empregados eram o lental com o qual se parece o tafetá d'hoje. Havia um pano



As salas das burguezas ricas, das mulheres do povo e das nobres no seculo XIV.



As saias das damas d'honor de Catarina de Medici.

azul escuro, *perse* e o *camelui* fabricado com pelo de camelo. Também foi moda o pano pardo e o molequim uma especie de estofa de linho. Fizeram notaveis progressos as artes de tingir e de tecer. O burel fora posto de lado. Abriam-se fabricas de seda em Reims e... as falsificações começaram.

Mas a religião reclamava. Os padres desejavam que as oferendas ás mulheres se tornassem em votos aos deuses e n'esse inicio das cruzadas todo o luxo desapareceu. As damas começaram a vestir modestamente, uma túnica larga e a andarem de veu espesso.

Voltou novamente o exagero; deuse a reação. Em



Maria Antonieta com a sala da moda no seu tempo.

França sobretudo os maridos arruinavam-se mas tornava-se impossivel distinguir uma mulher de comerciante d'uma princeza. Tal era o luxo que se fizeram editos a regulamentar o vestuario e soube-se que « nenhuma senhora que não seja castelã, ou não tenha duas mil libras de renda, pôde fazer mais de dois vestidos por ano.»

Com o seculo XIV o luxo soffreu. O prazer maior foi o da mesa. As mulheres ficavam em casa com os seus convivias e pouco se mostravam mas no seculo XV foi necessario que os pregadores clamassem contra as *invenções diabolicas* e essas eram tambem as saias famosas com



Sala da cõrte do seculo XVII



Seculo XVII. A sala da princeza de Saboia.

os mantos que as cobriam finamente bordados. O que usava Joana de Bourbon era ornado de pedrarias.

Voltaram depois os vestidos de cauda; a disputa começou entre as riquíssimas burguezas e as damas da aristocracia e as cores sombrias passaram ao olvido. Começou então a época do berrante.

Apareceu o vertugadin esse monumento do bizarro. Era a saia guarnecida interiormente de grandes arcos de ferro, de madeira ou barba de baleia formando o baião ridiculo de que as mulheres pareciam emergir.

Conta-se mesmo que Luiza de Montaynard, mulher de Francisco de Tuscan, salvou com a ajuda do seu vertugadin o valente duque de Montmoreney, que se encontrava bloqueado em Besieres mas passou debaixo do vestido e dentro da caruagem pelas fileiras inimigas. Os exageros então continuavam d'uma forma extranha e até mesmo houve uma senhora Lacepede que trazia umas ancas tão sediciosas no vestido que foi obrigada a provar diante dos conselheiros executores dos editos reaes que essas ancas eram um dom da natureza.

Com Catarina de



A sala da cosinheira suíça, da mulher burgueza, da aldeã, no fim do século XVI



2. Maria de Borgonha. Sala do fim do século XV.—3. Ana d'Austria.—4. Uma hindíssima sala do século XVIII. Mademoiselle de Beaujolais, quadro de Natter no Museu de Versailles.

Medecis a moda franceza espalhou-se por toda a Europa e foi então o tempo da saia abotoada adiante tendo uma especie de facha em volta da cintura e que vinha cair até aos pés do lado de traz. A rainha trouxe d'Italia a moda das rendas e Veneza começou a sua exportação em larga escala.

Houve ainda a moda efemera da pansa que foi apenas usada pelos homens no tempo de Henrique III enquanto as mulheres usavam largas ancas.

Sucederam-se as cores sombrias e a saia pouco variou. As mulheres do povo foram proibidas de trazer vestidos mas apenas saia pondo então pela primeira vez o avental.

Já ia chegar o século XVIII com todo o seu esplendor. Luiz XIV tinha imitadores por todo o mundo; as damas da corte franceza em breve os tiveram.

Maria Tereza usava nos vestidos pedras preciosas; na grande festa do intendente Fouquet em Vaux, a Lavalliere appareceu de vestido branco de ponto da Persia em folhado d'ouro que uma cintura azul prendia. A Montesperan teve um vestido d'ouro, rebordado de ouro, tendo por cima mais ouro e que lhe foi dado por Langlee, director dos jogos da cor-



A saia do tempo da Republica franceza (1795)

te. A moda da cintura fina, a cintureira de vespa, dos poetas, teve o seu auge e ao mesmo tempo o *tournure* e logo o balão que chegavam a tomar proporções colossaes.

Nas ruas estreitas de Paris duas damas tomavam-nas de lado a lado e impediam a passagem. Alguns eram extraordinarios. O clero condenava-os com furia mas o comercio holandez regosijava-se porque as barbas de baleia tinham um enorme consumo.



A saia imperio

lões que nem cabiam nos belos coches. Logo vieram os vestidos simples de aldeã. O parque de Trianon viu as suas leiteiras que eram duquezas e esses costumes simples influiram logo na saia que passou a ser curta. Foi o reinado do pastoril que procedeu ao Terror em que a saia começa a ser d'amazona emquanto não se a vora o traje femenino. Era a pretensão da egualdade de *toilettes* que Portugal não teve. Emquanto isto



Duas mulheres não cabiam n'um camarote de teatro.

Quem teve uma decidida influencia na moda foi Maria Antonietta desde o penteado em que colocou pela primeira vez os penachos até á saia que usou com largos ba-



se fazia em França entre nós continuava o traje de sécia do velho regimen e que devia continuar durante muitos anos.

Em Paris onde a revolução reboava os vestidos chamavam-se á Bastilha, á Constituição, á Pa-

2 e 3. As salas directorio.—4.—Quando chegou a restauração.



A sala de folhinhos (1897)



A sala em 1896



A sala em 1903



A sala mourisca



A sala em 1905





A travalhinha



Como faltou a sala calção diante dos apupos



A sala da moda em 1908



A sala da última moda

(«Clichés» de Dellus)

tria. As saias eram redondas com Robespierre, mas foram logo bem largas como Barras. Começou novamente o traje romano com todo o exagero de pedrarias. Surgiram as tunicas gregas. Do simples passou-se ao ruinoso. Os vestidos eram tão transparentes que se viam através d'elles os laços dos sapatos que se enrolavam ás pernas.

O imperio trouxe o sumptuoso e acabou com o exagero comico do Directorio cujas elegantes se chamavam incríveis. A característica do seu vestido foi a cintura alta e a grande profusão de jóias e flôres artificiaes. Durante os cem dias em que Bonaparte reinou á volta da ilha d'Elba a côr da moda foi a violeta seu emblema n'aquella epoca. As modas do imperio foram tão espalhadas pelo mundo como os soldados imperiaes. A restauração poz em vigor por toda a Europa a côr branca com simples frisões de flôres na barra das saias.

Quando no reinado de Carlos X Paris teve o seu Jardim das Plantas, o mundo conheceu os vestidos á girafa e ao ultimo suspiro de Joeko, o chimpanzé que todos admiravam.

Então Paris exportava os seus figurinos para todo o mundo, o que elle usou, usa e usará foi, é e será moda.

As nossas avós usaram o vestido simples com um pequeno decote e a saia de folhinhos e quando em 1852 Bonaparte se proclamou imperador foi o traje á Primeiro Imperio um pouco alterado que resuscitou.

Vieram as tarlatanas, os tuíes, as rendas. Em 1860 as saias eram côr de rosa com rendas, transparentes e guarnecidas de flôres artificiaes. Com o casaco á Garibaldi tornou a saia curta. A crinolina pelo ano de 1870 devia succumbir como o romantismo e o segundo imperio. Pôz-se em moda o chale e o vestido á chineza.

Depois vieram com os jornaes de moda parisienses as cousas mais diversas. Uma vez foi á saia estreita outra em forma de

sineta, reapareceu a de folhinhos e veio a polinesia, usava-se ainda o *tournure* de que os homens tanto riram aqui ha vinte anos e depois as meias saias e as tres saias. Uma vez é a simplicidade que se afixia, outras a complicação e assim se chegou á saia calção que o mundo inteiro repeliu e á travadinha que aceitou para acatar tambem o peor que aquella moda importada do oriente, dos calções das odaliscas: a saia aberta ao lado deixando vêr um grande bocado da perna.

Rigorosamente isso não é uma moda geral mas ha quem a arvôre sem que surja o indignado tumulto que a saia calção provocou.

E' que no fim de tudo tem sempre razão o velho poeta do tempo das côrtes d'amor

quando as saias eram largas e já tinham desaparecido ha muito os rostos pintados das galo-romanas.

Eis o que elle dizia das modas:

Les modes sont certains usages  
Sultis des fous et  
quelque fois des sages  
Que le caprice inventa  
et qui approuve  
l'amour



1. Saias do tempo da segunda Republica e Napoleão III, 1848 a 1864.  
— 2. As saias do tempo de Luiz Filipe 1832 a 1846.

A's vezes as cousas mais bizarras passam como usos admiraveis formando a sua lei, nascidas d'um capricho e caindo bem na sensualidade; outras as novidades não agradam a esses fatores e caem formidavelmente entre os apupos quando d'outra maneira se impõem. E' o caso da dansa. Alguem perguntava a um marido ciumento em extremo. Que fazia você a quem na rua cingisse sua mulher? Rolou furiosamente os olhos e rousquejou: Matava-o.

Porque não faz o mesmo n'um salão?  
?!...  
Sim, quando dansa não a cingem?!...  
A moda tem d'estas bizarras. A saia calção que não punha a descoberto a perna faleceu por immoral; a outra passa sem que o pudor se indigne com essa penultima moda de saia.

Penultima porque em moda não existe a ultima.

# Vida de Coimbra



Na rua das Flores, via tortuosa onde existem quasi exclusivamente «republicas»

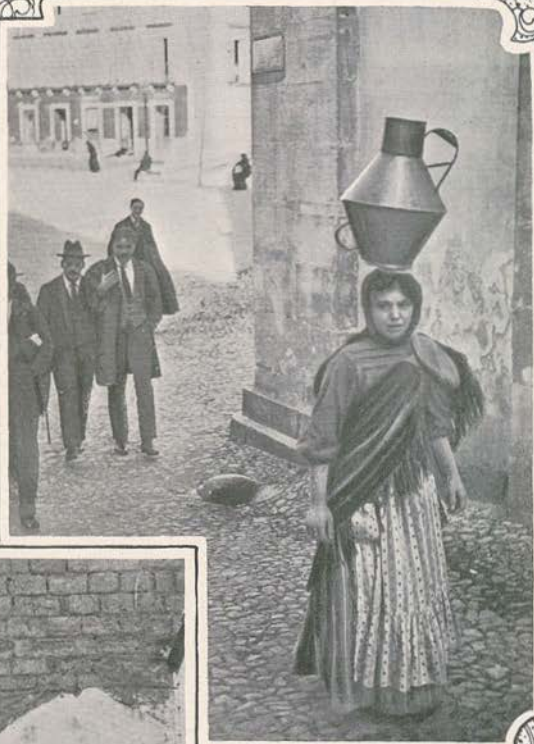


Distraíndo-se.

Episodios da vida e da paizagem de Coimbra é mister recordá-los sem saudade para tranquillamente os esquecer.

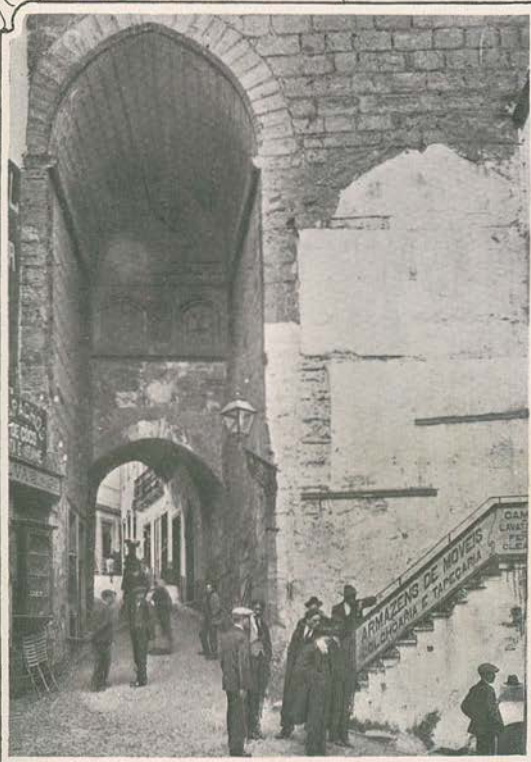
Março evoca-m'os sempre, aonde quer que esteja. É a boémia do espirito e da carne. São os poentes de Milais enrubescendo os pincares distantes, artozando as nuvens, espiralando os choupos; dando á caudal do rio maciezas fluidicas de veludo, cambiantes de mercurio e de ametista, escamas de oiro e profundezas míticas d'um Lethes onde apraz demandar-se o Esquecimento e a Morte. Depois a sombra recordando sombras mortas, pelas vieiras da Alta; figuras da epopeia medieval, donzelinhas que assomassem nas torrelas e balcões, princezas de torneio e trovadores, monges sonambulando no recesso das criptas,—tudo quanto ali viveu e lá dormita, calcifeito, sob a nossa indiferença de bastardos.

Quebra-costas arriba, da Sé-Velha sóbe-se ao Castelo e esbarra-se n'um arco sem fátura arquitectonica, miniaturando com meiguices d'aguarela a casaria nova do Penedo, sob



a seda azulissima do céu e as estrelinhas de oiro lucilando. Foi ali, n'uma noite do ano findo, que em sangrentas refregas nos batemos com a guarda; e lá encontraria então a Morte se, na loucura d'um amor que eu já supunha extinto, certa tricana de olhos lindos não tem posto a sua Carne pecadôra entre as carabinas da tropa e os dois metros de terra do meu tumulo... Mais abaixo, junto ao môrro das Escolas e a caminho do Penedo da saudade, os Arcos do Jardim erguem o dorso, cobertos de glicínias, rosas, trepadeiras e em frente ás côr de mosto vespas olaias.

Nas primaveras seivosas quando o florir dos vegetaes é pleno e rico, dir-lhes-ei que não conheço maravilha de perfumes igual á que se aspira n'este bairro de Coimbra jacente entre jardins; entontece como se uma ronda de escravas bailadeiras entornasse nos sentidos e nos nervos algum vinho e sortilegio. E sobre tudo isto, o silêncio das coisas, a magia das luas passionaes, projeções de ramarias marginando largas poças de luz na alameda, e, lá perdido sob os platanos, apenas o ruido gotejante d'uma fonte, onde as moças do sitio vinham muito com seu cantaro nos braços, mais sequiosas de amor do que de enchê-los...



1. Perseguida.—2. O antigo arco de Almedina que limita a Alta da Baixa e consequentemente o campo dos estudantes e futricas

A' mão esquerda, na direção de Santa Cruz onde os loureiros óram e já agora principiam de fanar-se as violetas, relembro a minha rua de Tomar, ultimo recesso da boémia coimbrã, estouvada, chalaceante e sem cuidados como a gente gosta ainda de supô-la. Lá conheci o ultimo caloiro, eterno bo-de expiatorio de todos os desgostos que sofriamos,— mezada tardia, pipo exgotado ou rei de paus á porta... E' hoje administrador d'um concelho. Re-



Depois d'uma ceia no *Magrinho*. — «Clichê» feito á luz artificial as 3 horas da manhã.

cordo-me de um dia lhe insinuarmos que certo companheiro da republica vivia atreito a perturbações mentaes e predisposto para o crime; o moço, claro, encheu-se de pavores tanto mais que era cobarde, rastejante como um sapo. Eis que um dia o presuposto enfermo, hoje advogado em Lamego, creio, explude, como fôra combinado, n'uma furia crescente contra o outro; fingimo-nos surprezoz e logo o agarrámos, aconselhando o caloiro a que fugisse e se escapasse lesto ás violencias do possesso; depois, mal o vimos fugindo, logo este principia a perseguil-a armado d'uma caçadeira carregada adrêde, com pólvora sómente. Corre o misero até ás Arcas d'Agua e ali implora conchego d'um ami-

go: breve, porém, é descoberto debaixo d'uma cama, e ei-lo desce de novo para casa apavorado, gritando por socorro—quando, subito, estruge um tiro e outro. Vimos então que o perseguido tombára quasi sem alento; corremos para ele. O medo transtornára-lhe os sentidos de tal modo que era interessante ouvir-o a demarcar nas costas e nas pernas os sitios onde a suposta carga se alojára; e a parte profundamente comica do caso foi o armarem-se dois com alfinetes e principiarem a



fingir que lhe extraíam grãos de chumbo enquanto o moço, muito grato, lastimava a sua sorte... Jantava-se na rua; á noite as guitarras tangiam, cantavam-se os fadinhos do costume, e por vezes dormia-se ao relento, dispostos os colchões sobre o passeio fronteiro, com dois pijos de verde á laia de mezinha e

1. O começo do Choupal.—2. Na via latna.

uma verruma para quando a sede apertasse e não houvesse torneira. Ir ao cinematografo e colher um dos mais bizarros afetos da vida coimbrã: algazarra, comentarios picarescos, troças e namoros, tudo quanto é

a lembra sem saudade. Depois do cine, começa a noite boémia. Desde que o Bossa levou para Coimbra a sua morbidez e a sua «sensiblerie» exgotada, raros ousaram manter fidelidade á boémia portuguesa d'outras

éras. Todavia o «Magrinho» é ainda um refugio e eu não desisto de brindar com bacalhau e grelos, n'uma ceia de risos inflorada, certa magrinha e doente amante da minha imaginação que breve lá irá colher



1. O café Montanha que os estudantes preferem.—2. Lagõa na Portela.— («Clichés» Garcez).

possivel esperar d'uma assoisse de moços sem trabalho. Certo, como tudo o mais, a plateia dos teatros de Coimbra vive longe dos tempos da Ristori; mas ainda no meu tempo ella ergueu em delirio algumas grandes nigromantes do proscénio e a Mimi não

aplausos de alguns que a meu pedido hão-de aplaudi-la...

Noites de Coimbra, quem as soube viver a hautos plenos, no coração as traz eternamente... Possa alguém descrevê-las que eu não sei.

JOÃO DO AMARAL.

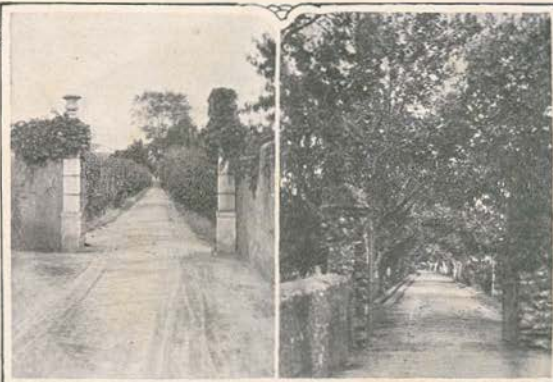
# A morte do sr. José Luciano de Castro

O conselheiro sr. José Luciano de Castro, que faleceu na sua casa da Anadia, foi durante tres reinados o elemento de mais preponderancia na politica portugueza. A sua ação na historia dos reinados de D. Luiz, D. Carlos e D. Manuel fica altamente marcada nem sempre com uma incondicional obediencia.

Fez-se á custa de trabalho e de perseverança, com uma vontade forte de subir e assim foi sucessivamente deputado, ministro, presidente de governos, conselheiro d'estado, chefe d'um forte e disciplinado partido onde a sua vontade prevalecia e dominava.

O partido progressista sob a sua chefia foi um modelo d'ordem e disciplina e á excepção de Mariano de Carvalho, Navarro e Alpoim poucos se atreveram a deixar o velho politico cuja influencia durante muitos anos foi enorme.

Assim atravessou o



A entrada e uma rua da propriedade onde faleceu o sr. conselheiro José Luciano de Castro



Sr. conselheiro José Luciano de Castro, falecido na Anadia.

reinado de D. Luiz a tatear ao começo para dominar, o de D. Carlos preponderando e intimidando até quando foi da subida de João Franco ao poder ao qual auxiliou de começo para lhe retirar um dia todo o seu apoio. Foi esse o principio da grave situação politica d'onde saiu a queda do velho regimen. Quando chegou a República o povo invadiu o seu palacio da rua dos Navegantes sendo salvo pelos chefes republicanos que aconselhavam prudencia e moderação diante do enfermo que dizia a Feio Terenas:

«Fui, sou e serei monarchico, mas a minha vida politica acabou hoje».

Retirou-se depois para a sua casa da Anadia com a familia, ficou ali n'uma calma sem pensar mais em politica como afirmara e onde faleceu em 9 de março com setenta e nove anos. Centenas de amigos politicos e pessoas foram á Anadia assistir ao seu funeral.



3. A fachada da casa da Anadia onde faleceu o sr. conselheiro José Luciano de Castro.



4. A casa do lado do jardim.



# Uma bela exposição de automóveis

Na exposição de Bruxelas mereceram os elogios da imprensa os automóveis Metalurgique cujos representantes em Lisboa são os srs. Castanheira, Lima & Ruggeroni, Limitada e que realmente são magníficos, tão bons e tão luxuosos que tem causado alguns d'elles a admiração do publico no estabelecimento d'aqueles senhores no Rocio.

Tem sido muito apreciados os belos

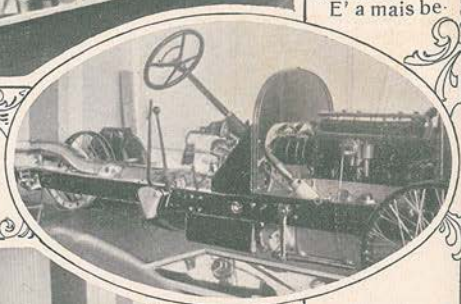
exemplares que aquella firma expõe no magnifico salão, as belezas da *carrosserie*, dos maquinismos e dos assentos fazem successo mas nunca tão interessantes como os esplendidos veículos agora expostos. O *chassis* polido é o maximo da simplicidade e do bom acabamento, o carburador onde todas as peças estão acessíveis á vista, o dinamo e a *mise en marche* C. A. V. estão tambem lindamente montados podendo quem fôr ao volante verificar aqueles sem se erguer do logar. O *gonfleur* enche as camaras d'ar em dois minutos.

Apareceram n'essa exposição uma soberba *limousine* e um *torpedo* sobre *chassis* 18 H. P. Metalurgique esplendidos. São trabalho do grande industrial do automobilismo que é ao mesmo tem-

po um artista Van den Plas e são d'um luxo enorme. O interior da *limousine* é de *tigre brasilien* uma das madeiras mais caras que existe; as portas, os lados e o teto tem incrustações de prata sendo as lanternas embutidas na *carrosserie* e os estofos de *peau de suede lilaz*, o que é a ultima palavra do chic, do elegante e do confortavel. Como complemento as almofadas de seda, os ricos strapontins, o calorifero, o telefone,

cinzeiros e florescimas. O *Torpedo Sporting* sobre *chassis* 18 H. P. Metalurgique tem a capota invisivel, contem *toilete* e até um pequeno estojo para charutos, cigarros e cachimbo sendo os faroes em prata e a madeira toda incrustada.

E' a mais be-



1. *Limousine* de grande luxo premiada na Exposição de Bruxelas. Executada pelo grande mestre Van den Plas sobre *chassis* Metalurgicos 18 H. P.

la exposição d'automoveis de Lisboa esta onde apparecem os sumptuosos automoveis das mais celebraja casas da Europa.

2. No tipo de *chassis* 26 H. P. que contem *mise en marche* electrica e bomba para prensa mecanica.  
 —3. Tipo «Sport» capota invisivel sendo os metaes em prata de lei, *carrosserie* sport por Van den Plas *chassis* 18 H. P. metalurgico.—(Clilchès Benoitel).



**CRÈME SIMON**  
PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
**FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème **SIMON**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

**MÉDAILLE D'OR, Paris 1900**  
**J. SIMON**, 59, rue du faubourg **PARIS 10<sup>e</sup>**  
Saint-Martin  
**PHARMACIAS, PERFUMERIAS**  
e lojas de Cabellerei. os.

**Desconfiar das Imitações.**



**Sederias Lucerna**

Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: **Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina** suíssa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e cor.

Vendemos as nossas sedas de **soizê** garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

**Schweizer & Co, Lucerne E II (Suíssa)**  
Exportação de sedas.

**Companhia do Papel do Prado**  
Sociedade anonima de responsabilidade limitada

**CAPITAL:**

|                                      |              |
|--------------------------------------|--------------|
| Ações.....                           | 300.000\$000 |
| Obrigações.....                      | 333.918\$000 |
| Fundos de reserva e amortização..... | 998.478\$000 |
| Total.....                           | 998.310\$000 |

**Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e N.º 11 e 12 (Tomar), Penedo e Casal d'Hermito (Lousã), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e disposto dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de pap. is de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicos do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — **Escritórios e depositos:** 270, RUA DA PRINCEZA, 270, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO.—Rad. teleg. em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** Numero telefonico: LISBOA, 606—PORTO, 117.

**SELOS EXTRANJEIROS GRATIS!**  
A cada colecionador que nos envie 10 réis em estampilhas portuguezas não usadas, ENVIAREMOS na volta do correio 100 **SELOS DIFERENTES** ou, se o preferirem, uma valiosa serie de 10 **SELOS CHINEZES**, mencionados no n.º E 65 da 10.ª edição, que acham de saber de A E C **ILLUSTRATED PRICED CATALOGUE OF WORLD'S STAMPS** para 1914, 500 paginas, 5.000 illustrações, 850 réis, franco de porte, que devem ser remetidos em vale do correio.

**OFERTA ESPECIAL:** 250 selos diferentes das colonias, por 2.000 réis, franco de porte.

**BRIGHT & SON**  
164, Strand, London, W. C., Inglaterra

**SUADE, FORÇA, ENERGIA**  
Molestias dos Faizes quentes.

**FERRO QUEVENNE**

CURA: **ANEMIA, FEBRES, DEBILIDADE**  
Activo, agradável, economico, inalteravel, tripl. Sello da "Union des Fabricants"

**PARA QUE VIVER?**

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, arte, amor, correspondência, ganhar aos jogos e loerias, pedido a curiosa brochura gratis, em portuqez, do professor **YTALE, 35, Boulevard Bonne-Noub Ile, 35 - P. A. I. S.**

**Perfumaria Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Sabonete preparado com os saes das Aguas



**Mizella**

o melhor para a pelle

**PARA ENCADERNAR A**  
**"Ilustração Portuguesa"**

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE** de 1913, da **Ilustração Portuguesa**. Desenho novo de otimo effeito.

**PREÇO: 360 réis**

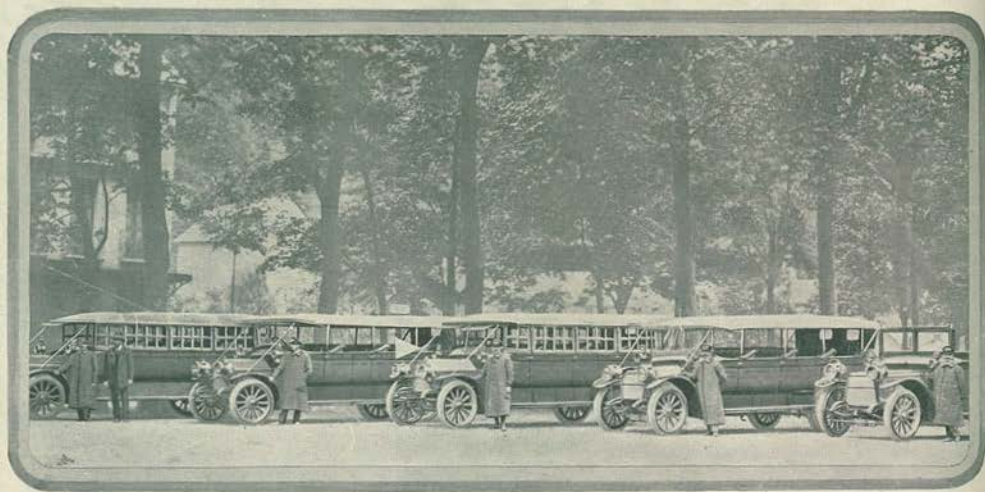
Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou selos em carta registrada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

**ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»**  
Rua do Seculo, 43—LISBOA

*Todos os autos*

da

*(Route des Pyrénées)*



Rolam em PNEUS

Continental

*A' venda em todas as garages*